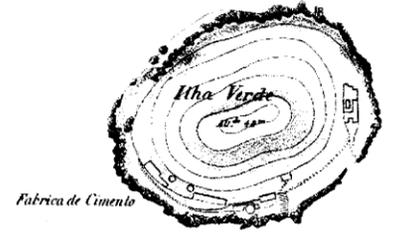


RC

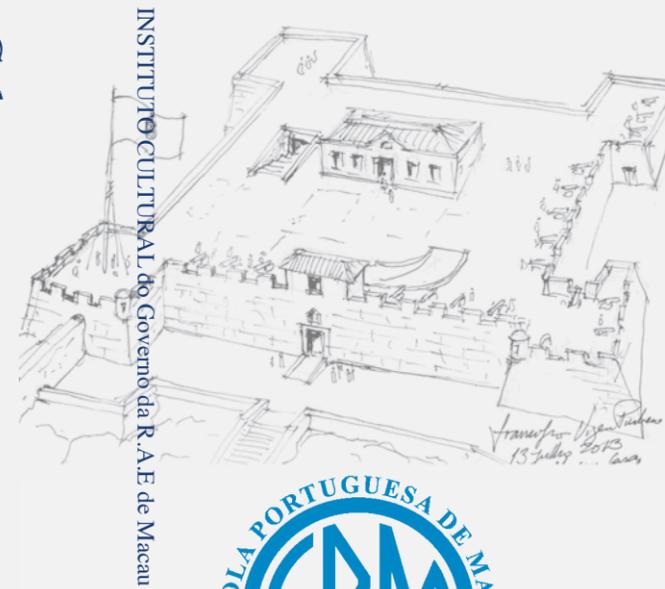
Revista de Cultura
Review of Culture



PENINSULA DE MACAU

HIGH GROUND
na escala de 1 por 5000

WEALTHIER
MANSION
Macau in the 1870s



ISSN 1682-1106



9 771682 110004

EDITOR
Publisher
INSTITUTO CULTURAL
do Governo da Região Administrativa
Especial de Macau

CONSELHO DE DIRECÇÃO
Editorial Board
Ung Vai Meng, Chan Peng Fai,
Wong Man Fai, Luís Ferreira
rci@icm.gov.mo

EDITOR EXECUTIVO
Executive Editor
Sofia Salgado
SofiaSalgado@icm.gov.mo

COORDENADOR
Co-ordinator
Luís Ferreira
LuisF@icm.gov.mo

DIRECTOR GRÁFICO
Graphic Director
Vong Vai Meng
vvmeng@icm.gov.m

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Graphic Design
Grace Lei Iek Long

SEPARAÇÃO DE CORES
Color Separation
Tipografia Macau Hung Heng Ltda.
hhengpl@macau.ctm.net

IMPRESSÃO
Printing
Tipografia Macau Hung Heng Ltda.
hhengpl@macau.ctm.net

TIRAGEM
Print Run
800

REDACÇÃO E SECRETARIADO
Publisher's Office
INSTITUTO CULTURAL
do Governo da R.A.E. de Macau
DEIP - Divisão de Estudos, Investigação e Publicações
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural, Macau
Tél: (853) 83996381
Fax: (853) 28523660
Email: rci@icm.gov.mo
Internet: <http://www.icm.gov.mo>

RC é uma revista de Cultura e, domínio do Espírito, é Livre. Avassalada ao encontro universal das culturas, servente da identidade cultural de Macau, agente de mais íntima relação entre o Oriente e o Ocidente, particularmente entre a China e Portugal. RC propõe-se publicar todos os textos interessantes aos objectivos confessados, pelo puro critério da qualidade. Assim, as opiniões e as doutrinas, expressas ou professas nos textos assinados, ou implícitas nas imagens de autoria, são da responsabilidade dos seus autores, e nem na parte, nem no todo, podem confundir-se com a orientação da RC. A Direcção da revista reserva-se o direito de não publicar, nem devolver, textos não solicitados.

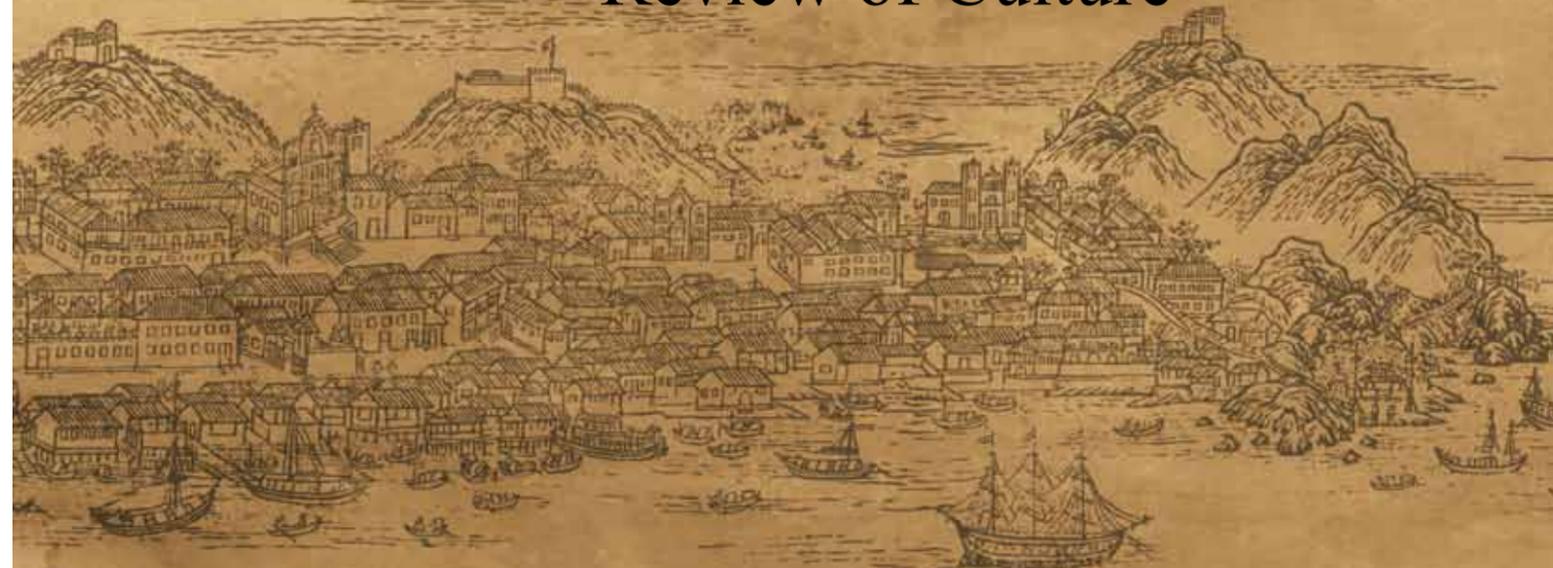
RC é uma revista trimestral, simultaneamente publicada nas versões Chinesa e Internacional (em Português e Inglês). Buscando o diálogo e o encontro francos de Culturas, RC tem na limpidez a vocação e na transparência o seu processo.

RC is a cultural magazine published quarterly in two versions — Chinese and International (Portuguese/English)—whose purpose is to reflect the unique identity of Macao. The magazine also seeks to promote freedom of expression and through the articles published we hope to stimulate ideas and discussion of topics related to Western/Eastern cultural interchange, especially between China and Portugal.

RC publishes articles covering an extensive range of topics expressing a diversity of views. However, RC is not responsible for ideas and opinions voiced in these articles and thus they cannot be taken as editorial opinion. In addition, we reserve the right to withhold any unsolicited text from publication and the right not to return any unsolicited text.

Assine a Revista de Cultura

Subscribe to **Review of Culture**



Preços / Rates

Exemplar Avulso / Single Copy

Macau
MOP 80,00

Ásia / Asia
via aérea / air mail
US\$ 23,00

via marítima / surface mail
US\$ 14,00

Outros países / Other countries
via aérea / air mail
US\$ 29,00

via marítima / surface mail
US\$ 16,00

Assinatura / Subscription

(4 números / issues)

Macau
MOP 160,00

Ásia / Asia
via aérea / air mail
US\$ 72,00

via marítima / surface mail
US\$ 36,00

Outros países / Other countries
via aérea / air mail
US\$ 96,00

via marítima / surface mail
US\$ 44,00

A globalização do conhecimento começou em Macau no século XVI quando os *saberes* do Oriente e do Ocidente se cruzaram nesta terra singular do Sul da China.

No século XXI, o intercâmbio cultural entre os *dois mundos* continua a ser a vocação de Macau.

A *Revista de Cultura* é o veículo dessa vocação.

Knowledge entered into an age of globalisation in Macao in the 16th century when the *wisdoms* of East and West met in this unique part of South China.

In the 21st century, Macao remains dedicated to cultural interchange between *both worlds* in a vocation maintained by *Review of Culture*.

Para fazer a assinatura ou para a compra de números atrasados, s.f.f. preencha e envie o formulário destacável que encontrará nas últimas páginas desta edição.

To subscribe or to purchase back issues, please fill in and mail the form available at the end of this issue.

CONTACTOS

Contacts

Email: rci@icm.gov.mo
Tel: 853-83996381
Fax: 853-28523660



COLABORARAM NESTE NÚMERO
Contributors to this Issue
 RC, n.º 50, IIIª Série, 2.º Trimestre 2015
 RC, no. 50, IIIrd Series, 2nd Quarter 2015

TEXTO

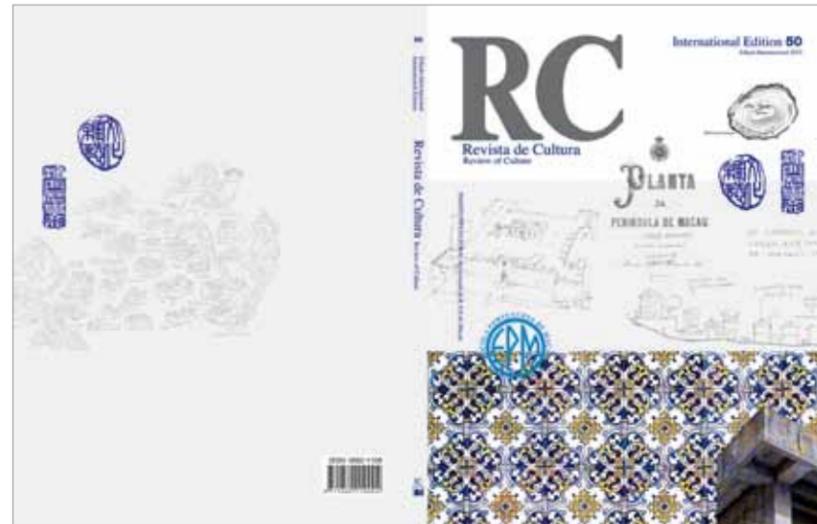
Texts

- Diogo Teixeira
- Filomena Vicente
- Francisco Vizeu Pinheiro
- Jorge Figueira
- Maria José de Freitas
- Matthew Williams
- Non Arkaraprasertkul
- Rui Leão
- Tiago Saldanha Quadros
- Vitor Teixeira

REVISÃO

Proofreading

- Chao Siu Fu (Chinês),
- Luís Ferreira (Português),
- Jennifer Ann Day (Inglês)



Design Vong Vai Meng

A NOSSA CAPA

No ano em que se comemora o 10.º aniversário da inscrição do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial da UNESCO, *Revista de Cultura* regressa à temática do património cultural e arquitectónico da cidade, sua preservação e desafios.

Um número com uma abordagem ecléctica, onde Francisco Vizeu Pinheiro analisa o ADN cultural da cidade, Filomena Vicente enquadra Macau na arqueologia urbana e enuncia propostas de manutenção do património histórico e Jorge Figueira divaga pelo legado de Manuel Vicente, analisando-o no contexto de uma cidade em constante mutação.

Os arquitectos Maria José de Freitas e Rui Leão, dissecam dois edifícios de relevo histórico na cidade, o “Leal Senado de Macau” e a “Escola Portuguesa de Macau”, respectivamente, suas tipologias arquitectónicas, influências europeias, passado, presente e futuro.

Mas esta edição especial vai mais além, com académicos locais e estrangeiros a tecerem considerações sobre preservação e planeamento baseados em exemplos de Hong Kong, Taipé e Xangai, nos artigos assinados por Diogo Teixeira, Non Arkaraprasertkul e Matthew Williams.

A finalizar, Tiago Saldanha Quadros apresenta um ensaio que reúne excertos de 9 entrevistas, reflexões sobre os desafios da vida urbana em Macau, e Vitor Teixeira, um estudo sobre o Património Industrial de Macau, através das extintas fábricas de panchões.

OUR COVER

TIn the year that marks the 10th anniversary of the inscription of the Historic Centre of Macao on the UNESCO World Heritage List, *Review of Culture* returns to the theme of cultural and architectural heritage of the city, its preservation and challenges.

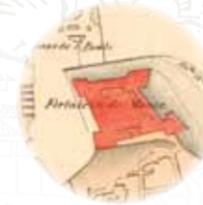
This issue of *Review of Culture* offers an eclectic approach beginning with Francisco Vizeu Pinheiro’s analysis of the cultural DNA of Macao and Filomena Vicente’s contextualisation of Macao within urban archaeology and suggestions for the maintenance of heritage sites. In addition, Jorge Figueira journeys through the legacy of Manuel Vicente, analysing this architect’s work within the context of an ever-changing city, while architects Maria José de Freitas and Rui Leão each propose a dissection of prominent historical buildings, the “Leal Senado of Macao” and the “Portuguese School of Macao”, their architectural typologies, European influences, past, present and future.

This special edition goes even further by including articles by foreign as well as local academics Diogo Teixeira, Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams, who offer insight on preservation and planning drawing from the examples of Hong Kong, Taipei and Shanghai.

The issue closes with an essay by Tiago Saldanha Quadros that brings together 9 interview excerpts, reflections on the challenges of urban life in Macao, and an essay by Vitor Teixeira on Macao’s industrial heritage through an analysis of the now-closed fireworks factories.



SUMÁRIO
 Index



6 PATRIMÓNIO CULTURAL * CULTURAL HERITAGE
MACAO HERITAGE: A SURVEY OF THE CITY’S TRADITIONS AND CULTURAL DNA
 澳门文化遗产：城市传统与文化基因的探讨
 Francisco Vizeu Pinheiro

28 A ARQUEOLOGIA URBANA: UMA ABORDAGEM PARA MACAU
 城市考古学之澳门个案
 Filomena Vicente

45 O PODER DO FRACO NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: ACUPUNCTURA E OUTRAS TERAPIAS PARA MACAU
 城镇建设的脆弱及其针对澳门的“疗法”
 Diogo Teixeira

72 ARQUITECTURA EM DIVAGAÇÃO: MANUEL VICENTE EM MACAU
 马努埃尔·维森特在澳门：独特的建筑风格
 Jorge Figueira

84 DESIGN ACTIVISM IN THE CONTEXT OF MACAO: ADDING LAYERS TO ARCHITECTURAL INTENT
 澳门背景下设计的能动性：为建筑意图加添层次
 Rui Leão

92 MACAO: 9 INTERVIEWS AND THE eXISTENz CONTEXT OF UNCERTAINTY
 澳门：九个访谈道出前景未明的现状
 Tiago Saldanha Quadros

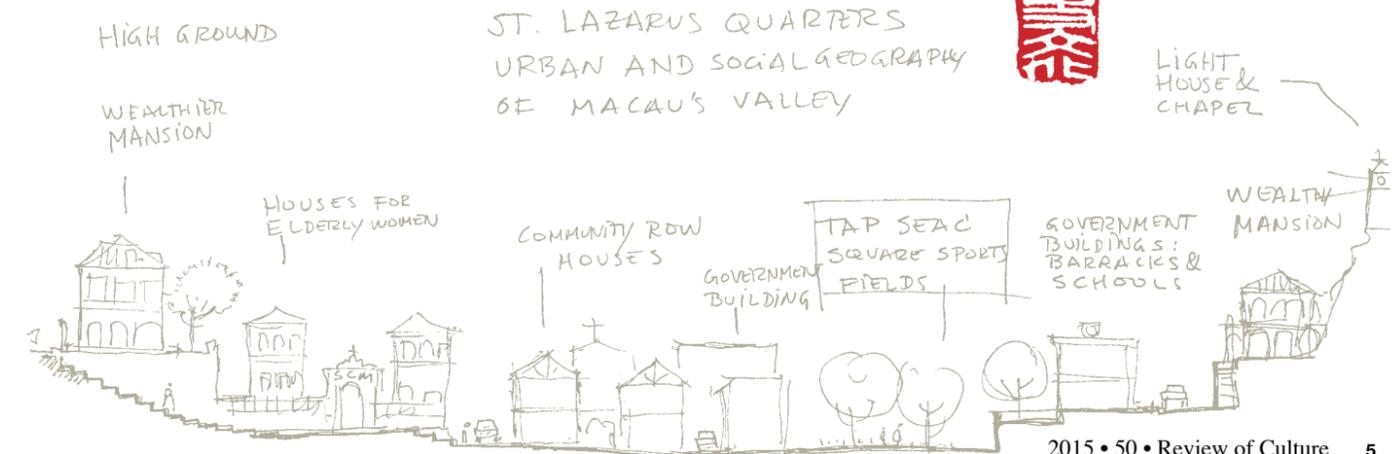
104 DAS CASAS DE CÂMARA E CADEIA AO LEAL SENADO DE MACAU: UM PERCURSO DE RECIPROCIDADES
 澳门市政厅大楼与监房的关联性研究
 Maria José de Freitas

124 O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DE MACAU (ATÉ 1999). ESTUDO DAS FÁBRICAS DE PANCHÕES
 澳门1999年之前的工业遗产：炮竹业研究
 Vitor Teixeira

136 THE DEATH AND LIFE OF SHANGHAI’S ALLEYWAY HOUSES: RE-THINKING COMMUNITY AND HISTORIC PRESERVATION
 上海里弄的生与死：社区及历史保育的重新思考
 Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams

151 RESUMOS

154 ABSTRACTS



Arquitectura em Divagação Manuel Vicente em Macau

JORGE FIGUEIRA*



INTRODUÇÃO

Quando Manuel Vicente (MV) vai para Macau, em 1962, integra o conjunto dos portugueses aventureiros que, ao longo do tempo, viajaram para terras longínquas. Como tantos outros antes dele, MV parte também à descoberta de si próprio. No regresso, sempre adiado, tenta colonizar um Portugal algo distante com a sua “fala magnífica”,¹ e um portfolio de obras que percorrem várias décadas, programas diferentes e abordagens que reflectem o tempo passado.

Podemos, talvez, dizer que a eloquência narrativa da “fala” de MV é resultado da necessidade de preencher o vazio criado pela distância entre Portugal e Macau. Os pequenos episódios que agiganta com a sua conversa compõem um filme, onde a “glória do trivial” interrompe permanentemente qualquer sentido final ou síntese redentora.

Há, em qualquer dos casos, uma impossibilidade entre o projectista e aquele que divaga. É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de MV seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando a narrativa interrompida, nunca ao ponto da conclusão.

A síntese, evidentemente, é inimiga da divagação, mas o projecto não se pode arrastar sem fim. A obra de MV resulta dessa contradição. É uma arquitectura em estado de divagação, o que a omnipresença de padrões geométricos pode iludir. Como se verá, o uso da geometria funciona mais como a instalação de um sistema de conexões ou mesmo de um circuito eléctrico do que na tradição do cardo e do decumano.

Mesmo que, como afirmou várias vezes, MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridiz genética de Macau lhe assentou como

uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” ou europeu que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense.

Por isso, a partir dos anos 1980, a pouca obra de MV em Portugal fica crescentemente órfã de contexto. Não é seguramente o da Comunidade Europeia, onde Portugal ingressa em 1986. Fica sem distância, como um eco sem voz.

Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, MV talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida densa de Macau. É talvez assim nos conjuntos habitacionais, em particular no Fai Chi Kei (1977-1982) e no STDM (1978-1984). Noutros programas, como o Arquivo Histórico (1983-1985) ou o complexo da TDM (1964-1988), a arquitectura surge como figura e não como fundo, o que permite afirmar que os interstícios viram corpo, ganham identidade própria.

Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas e a transformá-las: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau.

De qualquer modo, MV nunca quis depurar, higienizar, ou redimir Macau. Dir-se-ia que por formação e por feitio. Convém relembrar a sua passagem pelo atelier de Louis Kahn, entre 1968-1969, mas talvez mais ainda a sua confessada admiração por Robert Venturi e Denise Scott Brown, discípulos de Kahn, por essa altura a encetarem a aventura de “aprender com Las Vegas”. De facto, a cultura *pop* americana dá a MV referências e instrumentos para lidar com a realidade para lá da tradição moderna que em Portugal é nuclear. Mesmo se já no sentido do *Inquérito à Arquitectura Popular*, publicado em 1961, a matriz moderna da arquitectura portuguesa contemporânea é demasiado estrita para aquilo que está acontecer em Macau. É interessante sublinhar que o Orfanato Helen Liang (1963-1964) é feito antes da experiência americana e denota uma preocupação com

* Licenciado em Arquitectura pela Universidade do Porto e doutorado pela Universidade de Coimbra. É director e Professor Auxiliar no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. É investigador do Centro de Estudos Sociais (UC). É autor de diversos livros, entre os quais: *A Noite em Arquitectura* (Lisboa: Relógio d'Água, 2007), *Álvaro Siza. Modern Redux* (Ostfildern: Hatje Cantz, 2008), *Macau 2011* (Porto: Circo de Ideias 2011), *A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa Anos: 1960-1980* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014).

Graduate in Architecture from the University of Porto. Ph.D. from the University of Coimbra. Director and Assistant Professor at the Department of Architecture of the Faculty of Sciences and Technology of University of Coimbra. Researcher at the Centre for Social Studies, University of Coimbra. Author of books on contemporary architecture, including A Noite em Arquitectura (Lisboa: Relógio d'Água, 2007), Álvaro Siza. Modern Redux (Ostfildern: Hatje Cantz, 2008), Macau 2011 (Porto: Circo de Ideias 2011), A Periferia Perfeita. Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa Anos: 1960-1980 (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014).

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

o detalhe e uma “correção” arquitectónica que serão depois abandonados. É talvez possível traçar aqui um paralelo com o modo como Frank Gehry abandona os modelos convencionais da arquitectura depois das primeiras experiências em Los Angeles.

Em síntese, diria que MV transporta para Macau um diálogo entre a cultura europeia de que Portugal é um intérprete particular enquanto colonizador colonizado pelo centro da Europa e a cultura americana a partir desse diálogo fundador Kahn/Venturi/Scott Brown, em que a história da arquitectura, depois de reaberta para a disciplina, conversa com o “homem da rua”. Ou, ainda, um diálogo entre o “projecto iluminista” de que a arquitectura moderna é síntese e um liberalismo em que se acredita que a realidade está “quase bem”.

Macau está “quase bem”, mas num crescimento acelerado onde a arquitectura pode ser protagonista.

Complexo STDM, Macau, Manuel Vicente. Todas as fotos são do autor.



A espacialidade de Macau absorve estes diálogos e relança-os. MV é, como já pude escrever, o raro arquitecto *pop* a trabalhar na China, mais propriamente em Macau, desde os 1960, num dos “cenários mais particulares da arquitectura contemporânea, mesmo para lá do destino português”.² Através do olhar de MV, a formação europeia e a licenciabilidade americana aplicadas ao contexto de Macau criam uma tempestade perfeita.

PÓS-MODERNISMO *POP*

Como dizia, a primeira obra que MV constrói em Macau, o Orfanato Helen Liang traduz uma sensibilidade que remete para a discussão dos anos 1950-1960 na Europa, do “*neoliberty*” italiano até à “terceira via” de Fernando Távora. Depois da experiência americana e com a evolução do debate nos anos 1970, MV desenvolve uma abordagem que se poderá designar, no sentido amplo que Henrich Klotz propõe,³ como pós-modernista de filiação *pop*: no método – a colagem, a réplica e a ampliação; nos efeitos – o uso do *lettering*, da cor e de uma saturação da geometria; e nos objectivos – um espaço denso, labiríntico, electrizado.

Macau é um território disponível para este projecto. Como referi, MV não se motiva pelo exótico ou pela investigação vernacular: “Sempre disse a toda a gente que fui para Macau porque tinha trabalho, não porque estivesse fascinado pela China, nem pelo Oriente [...] – seria pois, a última das minhas intenções chegar a Macau e tentar integrar-me na cultura”.⁴ Segundo Eric Lye, “[MV] escolheu ficar nas colónias portuguesas onde se sentia psicológica e culturalmente confortável. [...] As suas estruturas são a corporização de sonhos. Teceu-as para o tecido de Macau, que dava a possibilidade para um desenho aberto. Os seus edifícios integram memórias e, ao mesmo tempo, as difíceis dinâmicas do futuro”.⁵ Ou, ainda, como escreve Maria Trigo, “MV parece ter ficado imune à arquitectura chinesa [...] Assim como não impôs portuguesismos [...] não se interessa pelos chinesismos”.⁶

Mais do que procurar uma mediação segundo deliberações da “alta cultura”, MV investe nos “insignificantes” do território segundo uma estratégia *pop*, aberta pelas aprendizagens de Venturi e Scott Brown. De acordo com a habitual plasticidade teórica dos arquitectos portugueses, a sensibilidade *pop* é intermediada, por exemplo no Fai Chi Kei, com



Orfanato Helen Liang, Macau, Manuel Vicente.

referências a Aldo Rossi e a uma ordem mais ascética, mais peremptória, que MV gosta de experimentar.

O que une tudo é um recorrente uso de grelhas geométricas, com base no quadrado. Não são “traçados reguladores” mas dispositivos físicos que permanecerão na previsível futura ruína dos edifícios. Ou que, num uso hiperbólico, produzem o efeito contrário à ordem: no Arquivo Histórico, a grelha é utilizada como um vírus em propagação, um geometrismo que esconde a sua lógica, criando um espaço labiríntico e saturado.

A filiação *pop* está também presente no uso do *lettering* e do sinal gráfico como dispositivo arquitectónico, o que é no contexto português, e não só, significativamente raro. Esta abordagem é patente no Bar Metro e Meio em Lisboa (1973-1974, com Gastão da Cunha) e é aprofundada, noutra escala e com muito maior impacto, nos edifícios em Macau da TDM e no World Trade Center (WTC) (1985-1988).

De facto, em 1979, a exposição individual de MV em Lisboa, “O exercício da Cidade”⁷ – uma iniciativa invulgar na época – mostra trabalho realizado em Macau entre 1976 e 1979 e o mais “venturiano” dos arquitectos portugueses. Isso mesmo é tornado claro, logo no preâmbulo do catálogo:

“E todavia, no confronto com o ordinário/corrente, na decisão de o tentar manipular como vocabulário de um outro discurso, no esforço de [...] transformar em algo de que se goste, aquilo de que se não gosta’, existiria, continuando a parafrasear Denise Scott Brown, ‘uma grande potencialidade criativa’”.⁸

Já em 1980, o trabalho em Macau é assumido nos mesmos termos:

“Fui para Macau muito fascinado; porque eu dizia muitas vezes em Lisboa: adorava ter um pato bravo, trabalhar no ordinário, no grosseiro, no

PATRIMÓNIO CULTURAL



Fai Chi Kei, Macau, Manuel Vicente.

vulgar, no corrente, no banal, e ainda aí, entrar e dizer, como a criatura que eu estimo muito, Denise Scott Brown: está quase bem. E de facto, não tem nada que saber”.⁹

Ou, ainda, indo directamente às fontes:

“Uma das coisas que influenciou o meu pensamento foi a famosa pintura da lata de sopa de Andy Warhol. Há um forte esforço criativo em fazer algo de que se gosta a partir de algo que não se gosta. Em Macau, há muitos materiais de que não gosto [...]. O processo de construir com estes materiais transforma-se em algo quase religioso”.¹⁰

A sensibilidade *pop* com que MV aborda Macau é reiterada em várias declarações e é claramente uma estratégia para lidar com o impacto de uma realidade que escapa a uma análise mais convencional. Diz MV, a propósito, que coisas “insignificantes” são coisas “que não estão significadas” ou “não há bom gosto nem mau gosto; há gosto. [...] Não há nada que seja impossível de fazer significar em termos poéticos”.¹¹ A aceitação desafiante de uma cumplicidade com o mercado quebra as barreiras do “arquitecto de escola”: “a confrontação de

qualquer artista com o mercado contém as virtualidades necessárias para ser um caminho de virtude...”.¹²

Entre a exposição de 1979 e uma segunda que ocorreu em 1989, também em Portugal – “...Prender todo o tempo ocupando o espaço”¹³ –, MV desenvolve um discurso e uma prática abertamente pós-modernistas com Macau como lugar e horizonte.

MACAU EM LISBOA

O itinerário macaense de MV tem um singular avanço noutra geografia: o projecto da Casa dos Bicos, em Lisboa (1982-1983). A Casa dos Bicos representa o culminar de experiências em Macau e o lançamento de temas que serão significativos em obras posteriores no território. Realizada em co-autoria com José Daniel Santa-Rita, a intervenção na Casa dos Bicos demonstra o à-vontade e a imaginação livre com que MV é capaz de lidar com o problema patrimonial, numa transposição do ambiente macaense para o centro histórico de Lisboa. A Casa dos Bicos é já resultado de uma colonização em sentido inverso, o que garante a controvérsia que de facto se gerou. É Macau em Lisboa; era difícil de ser compreendido.

Recusando a lógica verista da Carta de Veneza, que exibiria a nova intervenção como *nova*, nem decorrendo de qualquer contenção patrimonialista, a Casa dos Bicos reinventada está num *limbo*. A intervenção de MV no Arquivo Histórico, em Macau, tem a mesma responsabilidade serena face ao exterior para depois implodir o espaço interior com uma fantasia arquitectónica. O tema geométrico da janela lateral corresponde à elaboração das molduras em falso manuelino de António Marques Miguel na Casa dos Bicos.

Ao ocupar este intervalo, a Casa dos Bicos é radicalmente pós-moderna e devedora do clima de Macau: troca a autenticidade, segundo uma moral conservadora ou moderna, por um elaborado jogo de espelhos. A “fachada dos bicos”, dizem os autores, é continuada pela “coleção de elementos tipológicos afins”, numa “Collage Ideal do nosso quinhentos, ponto de encontro de uma certa memória da idade do ouro, feito objecto de fruição pública e quotidiana”.¹⁴ À semelhança da escada da Biblioteca Laurenziana (Miguel Ângelo, Florença, 1519-1534) – que Venturi comenta em *Complexity and Contradiction in Architecture*¹⁵ –, o interior é tomado por uma escadaria que transborda no espaço do edifício, um “grande lance ascendente”¹⁶

que é objecto e cenário, pintura e arquitectura. A fachada norte, pelo contrário, joga numa imagem de efemeridade,¹⁷ que se encontra recorrentemente nas obras de MV em Macau. E o desenho das molduras das janelas na fachada reconstituída, como dizia, em evocação livre do manuelino,¹⁸ acrescenta ao edifício ainda outra camada ficcional. A contestação e polémica que se seguiu à inauguração foi particularmente viva.¹⁹ A *verve* de MV, ampliada pelo trânsito macaense, não permitia ambivalências.

Já a propósito da exposição de 1979, o crítico Pedro Vieira de Almeida tinha mostrado estranheza. Embora reconhecendo “desassombro”, contestava tratar-se de um “exercício da cidade” (o título da exposição), por não encontrar a “cidade”, isto é, “toda a realidade criticamente entendida de um organismo urbano preexistente”.²⁰ De modo claro, este artigo demonstrava o desencontro entre a expectativa “sociocultural” de Vieira de Almeida, que era extensível a uma geração de arquitectos, e a abordagem lúdica e fragmentária que MV estava a desenvolver em Macau. Identificando a “qualidade inegável do desenho que diz da grande qualidade da sua arquitectura”, Vieira de Almeida criticava a ausência de explicitação de “relações de dependência de uma vizinhança próxima, definida em termos sociológicos e culturais”.²¹ Concluindo que MV “foi procurar em Macau um contexto complacente onde precisamente se possa desvincular da cidade, onde o efectivo exercício da cidade se possa, sem escândalo maior, reduzir ao mínimo”.²² Estas palavras algo duras não tinham provavelmente em conta a realidade local nem assinalavam as alterações disciplinares com que MV estava a trabalhar.

Em 1991, no entanto, a propósito do “futuro da arquitectura portuguesa”, Vieira de Almeida antecipa a centralidade do que apelida “grupo de Macau”, o “conjunto de arquitectos [...] que se situam em torno do nome e personalidade de Manuel Vicente”.²³ Face a dois grupos que fixa – o do “chamado pós-modernismo português, marcadamente lisboeta, teoricamente mal equacionado, criticamente incerto, auto-contraditório, sintacticamente menor” e a “chamada Escola do Porto”²⁴ –, o “grupo de Macau” é proposto como uma terceira via, “uma das linhas-guia, e das mais brilhantes”²⁵ da arquitectura portuguesa.

Esta sugestão não se chegou a concretizar, e o “grupo de Macau” foi perdendo força no sentido da alternativa que Vieira de Almeida propunha. Pelo

contrário, como dizia no início, a obra e até o discurso de MV ficaram órfãos do contexto de Macau após o regresso do “grupo”, ou de parte dele, a Portugal.

Uma das razões desse refluxo é que de facto MV é actor de um pós-modernismo libertário, de filiação *pop*, que marca os anos 1980 e que não tem tradução fácil para Portugal. Ao não entender o “grupo de Macau” nesse contexto, Vieira de Almeida abre uma categoria que não é ocupada. Admitindo “uma prática luxuosa do prazer”, entende que a “sucursal da cor e dos materiais estão no pólo oposto de uma intenção *kitsch* ou de um superficial e colorido pós-modernismo”.²⁶ Este pólo oposto é um *wishful thinking* de Vieira de Almeida. MV está no pólo anterior, em divagação. Como escreve, o que lhe interessa é “a produção de sentido e nunca – jamais – a busca do sentido”,²⁷ numa definição extraordinária do pós-modernismo por oposição à moral do moderno. Ou ainda: “Se de alguma coisa o dito pós-modernismo nos salvou foi da ideia de que havia uma ética ou uma regra para o desenho; que o desenho era uma actividade não

Casa dos Bicos, Lisboa, Manuel Vicente e José Daniel Santa-Rita.



PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

só estética como ética o que, francamente (não me sentindo necessariamente pós-moderno) acho que foi uma conquista do nosso tempo, essa separação entre moral e estética”.²⁸

Esta separação entre “moral” e “estética” abre o caminho às pequenas histórias que são o conteúdo de *Macau Glória*, levantamento livre de Macau realizado, em 1978, por Manuel Vicente, Manuel Graça Dias e Helena Rezende. A publicação deste trabalho, em 1991, com o subtítulo *A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*, é um testamento desse tempo mais libertário, reflectindo centralmente a sensibilidade de MV: mostrar “com afecto uma cidade”, num “documento eminentemente visual, na libertinagem em que se constitui”.²⁹ É uma espécie de “*Learning from Las Vegas*” transposto para Macau, através de Lisboa, ainda menos sistemático, mais livre e poético. No plano disciplinar cumpre-se assim uma certa analogia: Macau está para o pós-modernismo em Portugal como Las Vegas para o pós-modernismo internacional. Com a vantagem de que em Macau, MV não inventaria e conclui: experimenta e constrói mesmo.

CINCO OBRAS

O necessário levantamento sistemático do conjunto de obras e projectos de MV está ainda por fazer. Quero por agora fixar-me em cinco edifícios que considero emblemáticos e que em alguns casos já fui anotando: o Fai Chi Kei, a Teledifusão de Macau, o Arquivo Histórico, o WTC, e o Quartel de Bombeiros da Areia Preta.

O Fai Chi Kei era um conjunto de habitação social e provavelmente o mais paradigmático edifício de MV neste programa específico. Tratando-se de propriedade pública, o conjunto tinha mantido a sua integridade mas não resistiu ao desenvolvimento imobiliário que já era dominante na envolvente e foi demolido em 2010.

MV implantou dois novos edifícios no lugar que correspondia anteriormente a duas bandas de habitação popular degradadas. Esta abordagem é frequente no seu percurso macaense: reusar dados preexistentes de modo a registar o carácter transitório da construção no território. Mantendo traços, mantendo vestígios.

No Fai Chi Kei, a repetição de vãos era assumida como um padrão homogéneo que percorria toda a fachada. Marcavam uma grelha contínua sujeita a



Arquivo Histórico, Macau, Manuel Vicente.

pontuais rupturas verticais, em pórticos de grande escala. Os dois edifícios formavam entre si um espaço interiorizado que funcionava como uma “rua-praça”, um lugar de sociabilidade. A proximidade dos dois edifícios, os vãos e as entradas remetiam para uma determinada vivência, que provavelmente ecoava a que tinha existido anteriormente.

Por detrás da aparente neutralidade do desenho da fachada, os apartamentos eram complexos ao nível da organização e das tipologias e encaixavam como um *puzzle*. Os pequenos pátios que funcionavam como saguões introduziam ainda outro nível de complexidade, insuspeita numa primeira abordagem. O carácter labiríntico dos espaços comuns interiores, pátios, galerias de distribuição e escadas, avivado na profusão de cores utilizadas, colocava-nos próximo da espacialidade local. Se a primeira impressão no Fai Chi Kei era de uma ordem ocidental, da repetição e da regra, mais perto experimentava-se uma densidade e um clima macaenses.

O complexo da TDM, atravessou três fases temporais: 1964, 1983 e 1986. A última etapa

corresponde à construção da torre administrativa e da redacção que aqui se destaca. Os restantes blocos incluem estúdios e várias estruturas de ampliação. Como é recorrente, MV usa uma grelha geométrica que repete e que lhe permite modelar o espaço interior, desenhar as fachadas e criar mecanismos de suporte de equipamentos como as máquinas de ar condicionado. O tema central do edifício é a *penthouse* que tomava a forma do logotipo da instituição, desenhado por MV, e já desaparecido.

Com este dispositivo, MV radicalizava a criação de um espaço artificial, motivado por montagens e sobreposições, que persegue ao longo da sua obra. Não era uma abóbada, um lanternim ou um frontão que rematava o topo do edifício mas um elemento gráfico, um logotipo. Singularmente, um motivo *pop* desenhava o icónico *skyline* do edifício.

Os desenhos do projecto são igualmente muito gráficos, cruzando texturas, retículas e diagonais prolongadas. Há uma qualidade eléctrica, que começa no desenho dos alçados e prolonga-se até à caracterização do espaço interior. Que remete para a intervenção no Arquivo Histórico: grelhas iluminadas, opacas ou translúcidas, criando um padrão saturado que percorre todas as áreas do edifício. As portas surgem como pórticos luminosos; os tectos como malhas de luz. O próprio espaço de trabalho era proposto como o décor de uma permanente transmissão televisiva.

Mesmo sendo uma intervenção num edifício de valor patrimonial, o desenho do Arquivo Histórico recorre a uma grelha geométrica aqui extremada como uma “segunda pele” no interior do edifício. Acede-se então a um mundo misterioso, espaço labiríntico e saturado pela repetição de quadrículas, permanente geometrização e iluminação feérica. É um mundo artificial, em que cada momento é desenhado e o mobiliário nos interpela como prolongamento de um espaço em *suspense*. A decoração não se distingue da arquitectura, ou até trocam de lugares: a decoração organiza; a arquitectura confunde. A métrica reticulada da grelha é um guião que determina o desenho de todos os elementos. A geometria não é um fundo – como acontece com os “traçados reguladores” na arquitectura moderna – mas a própria figura.

O centro do edifício é um espaço de pé-direito duplo com iluminação zenital. Mas apenas clareia uma sucessão de compartimentos cujo limite é impreciso. A entropia deste espaço contrasta com a

lógica de *open space*, clareza e transparência que a arquitectura moderna elegeu como premissas centrais. O cinema parece ser a referência central mais do que a arquitectura. A vibração da luz e a cor avermelhada do Arquivo Histórico remete para qualquer coisa que está prestes a acontecer.

Tal como acontece na TDM, no World Trade Center (1985-1988), o *lettering* não é uma adição publicitária, mas constrói a própria arquitectura do edifício. Não se trata do *decorated shed* “venturiano”, já que o grafismo toma o corpo da arquitectura, não é um mero aparato decorativo. Em qualquer dos casos, este é um edifício em que os motivos tipográficos estão no lugar de uma linguagem clássica enquanto “arquitectura falante”.

A complexidade geométrica do WTC supera uma qualquer lógica estrutural, como é corrente na obra de MV. No primeiro piso estão construídos pilares estruturalmente dispensáveis. O ritmo da geometria sobrepõe-se à racionalidade da estrutura na criação de um espaço denso e climático. O jogo de intersecções de linhas, planos e materiais, alguma voluntária desconexão entre as partes, remetem já para os temas da arquitectura desconstrutivista que MV aprofundará no Quartel dos Bombeiros da Areia Preta.

No WTC, a sobreposição de *layers*, também no plano vertical, remete para uma construção instável, um conjunto em desagregação. As narrativas pós-modernistas de MV foram sempre contaminadas com um certo *suspense*, nunca foram nostálgicas ou neo-vernaculares. Pelo contrário, sempre pressupuseram um futuro intrigante. No WTC, como no Quartel de Bombeiros, a narrativa surge mais negativa: a fractura dos panos de vidro que formam as letras do edifício parece espelhar a precariedade de um mundo em suspensão e dúvida. No WTC coexiste uma estratégia *pop* de comunicação afirmativa, cruzada com o efeito “desconstrutivista” de alguma desolação ou precariedade.

O Quartel de Bombeiros na Areia Preta (1991-1998) reflecte as transformações da cultura arquitectónica internacional, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 90. Está implantado num espaço entre edifícios altos e é um volume tortuoso que ocupa todo o lote. MV hiperboliza o jogo geométrico, tirando partido do uso do computador: a linguagem do edifício é também a deste novo instrumento. Num complexo jogo de *layers*, cada piso corresponde

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE

a uma matriz que se sobrepõe. A densidade espacial decorre desta acumulação, que vai permitindo ligeiras transformações no percurso ascensional do edifício.

Neste uso da geometria como figura, existem relações com a obra anterior mas também evoluções no próprio processo de projecto. O tema da grelha que utiliza, desde os anos 1960, surge aqui com uma estratégia “deconstrutivista”, já que é a mobilidade entre as partes do edifício que parece estar em questão. A regra geométrica passa dos quadrados em arrumação labiríntica para uma outra complexidade formal. Daí poder-se falar de um edifício zoomórfico, cujas partes remetem para articulações de um organismo vivo, como cascas que se acumulam e se desdobram; ou pregas, para utilizarmos o termo em voga no vocabulário “deconstrutivista”.

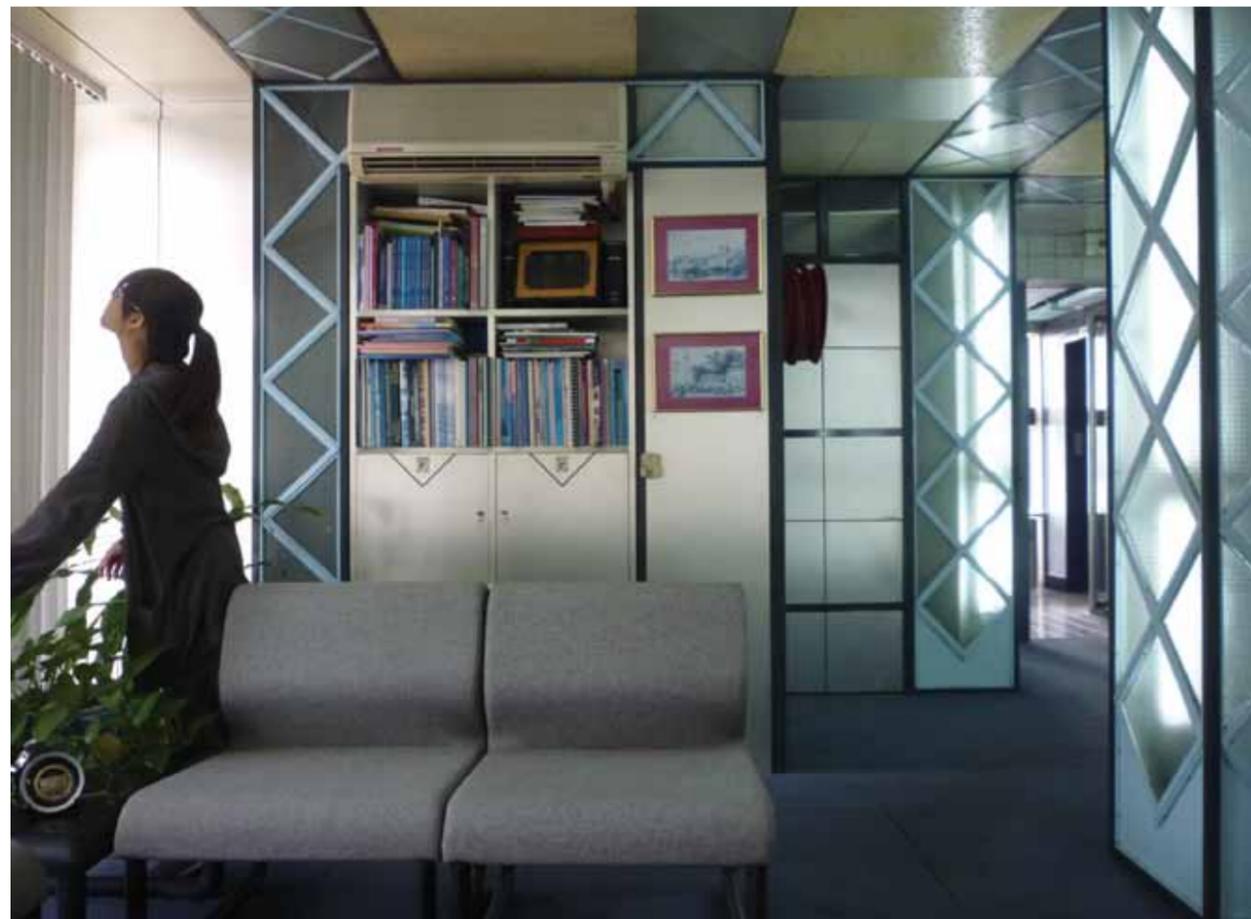
Na descrição que faz do projecto MV remete para um “desejo infantil” e uma mitologia da profissão de

bombeiro. Apesar de uma metodologia “negativa”, de uma arquitectura em implosão/explosão, o Quartel de Bombeiros na Areia Preta mantém algumas narrativas do pós-modernismo “afirmativo”. E, de facto, na cobertura existe um pátio simétrico e convencional, como se depois de o percorrer houvesse a necessidade de um momento de serenidade quase conventual, numa *collage* desconcertante.

PUNCHLINE

Nestas cinco obras que brevemente analisei é possível constatar temas que são recorrentes e alguns avanços metodológicos. Na última obra estamos já provavelmente noutro paradigma. Mas é talvez relevante afirmar que é no conjunto alargado de projectos e obras que encontramos a densidade do legado de MV, de acordo com a ideia de uma

Teledifusão de Macau TDM, Macau, Manuel Vicente.



WTC, Macau, Manuel Vicente.

PATRIMÓNIO CULTURAL

CULTURAL HERITAGE



Quartel de Bombeiros na Areia Preta, Macau, Manuel Vicente.

arquitectura em estado de divagação que sugeri no início do texto. Cada obra, cada projecto, é uma hipótese, uma exclamação. Sem que haja um fim à vista, os edifícios são *punchlines* que se sucedem. MV retoma logo o discurso; a *punchline* é só um momento da história, não necessariamente o final.

Talvez o gosto pelo episódico e pelo anedótico revele que MV via a arquitectura como algo inalcançável. E que no território macaense, eléctrico, saturado, híbrido, erótico, secreto, orgânico, intersticial, religioso e pagão, encontrava uma forma de adiar o encontro com a arquitectura, permanecendo em estado de divagação.

Das cinco obras que referi, uma delas já não existe (o Fay Chi Kei), e outras duas (a TDM e o Arquivo Histórico) estão a ser eclipsadas pelo uso. É, de facto, o levantamento sistemático dos projectos e obras que nos dará uma necessária imagem de conjunto, a divagação na sua completude exacta. Para lá destas cinco obras gostaria ainda de referir o interesse particular das Torres da Barra (1976-1987), da Casa das Ondas (1976-1980), do Chunambeiro (1978-1980), da Viúva (1978-1982), do Conjunto Horta e Costa (1991-1995), do já referido conjunto STDM.

Os projectos não construídos são também parte importante do legado, a divagação em estado

emblemático. Nos últimos anos em que projectou para Macau, MV fez um conjunto de propostas de desenho urbano, usando ou acalentando o uso, com grande voracidade, das novas formas de representação e projecto. Para a Union Internationale des Architectes (UIA), segundo o tema “Celebration of the Cities”, em 2004, propôs belíssimas construções neo-futuristas, piranesianas, uma metrópole imaginada com replicantes, passadiços aéreos, geometrias fractais, um tom apocalíptico, com cada vez mais pontes, torres, casinos e metros. Antecipando a actual *punchline*. Prefigurando aquilo que se revelou em Macau nos últimos dez anos: a colisão entre o intimismo denso do território e a globalização que os casinos aceleraram vertiginosamente. Depois da primeira globalização dos portugueses, chega agora a globalização da América, em intenso diálogo com a China, como sempre sucedeu.

De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios “ocidentais”, uma linguagem já local, mesmo que MV não tenha desejado a “fusão”. Nestes últimos desenhos de MV, o “ocidente” é já uma referência distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação. **RC**

NOTAS

- Jorge Figueira, “Manuel Vicente. A fala magnífica”. *Público*, 10 /03/2013, pp. 34-35.
- Jorge Figueira, “Made in Macao: Pop goes Manuel Vicente!”, in João Afonso (ed.), *Manuel Vicente. Trama e Emoção*, p. 34.
- Heinrich Klotz, *The History of Postmodern Architecture*.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], p. 280.
- Eric K. C. Lye, “Prologue”, in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, p. 11.
- Maria Trigoso, “Manuel Vicente and Macau” [1999], in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, p. 34.
- Cf. *O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau em 1976/79)*.
- Manuel Vicente, “Preâmbulo”, *ibidem*.
- Maria Trigoso, “Entrevista a Manuel Vicente” [por Carlos Duarte e J. Manuel Fernandes]. *Arquitectura* 136, p. 43.
- Manuel Vicente, “Interview” [*Dialogue*, 30, Taiwan, 1999, pp. 70-73], Eric K. C. Lye, *Manuel Vicente. Caressing Trivia*, pp. 17-18.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, p. 279.
- Manuel Vicente, *ibidem*.
- Cf. Manuel Vicente, ... *Prender todo o tempo ocupando o espaço*.
- José Santa-Rita; Manuel Vicente, “Fachada Sul”, *Arquitectura*, 151, p. 68.
- Cf. R. Venturi, *Complexity and Contradiction in Architecture*, p. 25.
- José Santa-Rita; Manuel Vicente, “Fachada Sul”, *Arquitectura*, 151, p. 71.
- ibidem*.
- Cf. M. António Marques, “Casa dos Bicos”. *Arquitectura*, 151, p. 67.
- Cf. José Tudella, “A Casa dos Bicos travestida ou pervertida?”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3/9 Janeiro de 1984, p. 23; A. Sérgio Pessoa, “A saga da Casa dos Bicos”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13/19 Dezembro de 1983, p. 21; José Manuel Fernandes, “A casa dos bicos ‘travesti’”, *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19 Novembro/5 Dezembro de 1983, p. 27; Manuel Lacerda e Tomáz D’Eça Leal, “5 Projectos 5 (...)”, *JA - Jornal Arquitectos*, 19/20, 1983, pp. 7-14; Vasco Câmara Pestana, “A Casa dos Bicos”, *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 11-12; Manuel Graça Dias, “XVIII Eas posições modernas”, *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 14-15; João Paciência, “Notas à margem de três projectos” *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983, pp. 16-17.
- Pedro Vieira de Almeida, “... Coisas muito indecentes e contrárias aos preceitos dos bons arquitectos”, *Arquitectura*, 136, 1980, p. 51.
- ibidem*.
- ibidem*.
- Pedro Vieira de Almeida, “Uma história do futuro”, *Colóquio Artes*, 89, 2.ª Série/33.º Ano, 1991, pp. 14-15.
- Cf. *ibidem*, p. 14.
- ibidem*, p. 19.
- ibidem*.
- Manuel Vicente, “Um prefácio para um livro, ambos feitos por arquitectos”, in Manuel Graça Dias, *Vida Moderna*, p. 15.
- Manuel Vicente, “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, p. 287.
- Manuel Vicente, Manuel Graça Dias, Helena Rezende, “Objectivos”, *Macau Glória – A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*, p. 11.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, João (ed.). *Manuel Vicente. Trama e Emoção / Plot and Emotion*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.
- Almeida, Pedro Vieira de. “... Coisas muito indecentes e contrárias aos preceitos dos bons arquitectos”. *Arquitectura*, 136, 1980.
- . “Uma história do futuro”. *Colóquio Artes*, 89, 2.ª Série/33.º Ano, 1991.
- Dias, Manuel Graça. “XVIII Eas posições modernas”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Fernandes, José Manuel. “A casa dos bicos ‘travesti’”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19/11-5/12/1983.
- Figueira, Jorge. “Made in Macao: Pop goes Manuel Vicente!”, in João Afonso (ed.), *Manuel Vicente. Trama e Emoção*.
- . “Manuel Vicente. A fala magnífica”. *Público*, 10/03/2013.
- . “A Periferia Perfeita. Pós-modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80”. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, 2009.
- Klotz, Heinrich. *The History of Postmodern Architecture*. Cambridge, MA; Londres: The MIT Press, 1988 [1984].
- Lacerda, Manuel e Leal, Tomáz D’Eça. “5 Projectos 5 (...)”. *JA - Jornal Arquitectos*, 19/20, 1983.
- Lye, Eric K. C. “Prologue”, in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*. Hong Kong: MCCM Creations, 2006.
- Miguel, António Marques. “Casa dos Bicos”. *Arquitectura*, 151, 1983.
- Milheiro, Ana Vaz (coord.). *Optimistic Suburbia? The student’s perspective*. Lisboa: ISCTE, 2015.
- Paciência, João. “Notas à margem de três projectos”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Pessoa, A. Sérgio. “A saga da Casa dos Bicos”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13-19 Dezembro/1983.
- Pestana, Vasco Câmara. “A Casa dos Bicos”. *JA - Jornal Arquitectos*, 21/22/23, 1983.
- Santa-Rita, José; Vicente, Manuel. “Fachada Sul”. *Arquitectura*, 151, 1983.
- Trigoso, Maria. “Manuel Vicente and Macau” [1999], in Eric K. C. Lye (ed.), *Manuel Vicente. Caressing Trivia*. Hong Kong: MCCM Creations, 2006.
- Tudella, José. “A Casa dos Bicos travestida ou pervertida?”. *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 3/9 Janeiro 1984.
- Venturi, Robert. *Complexity and Contradiction in Architecture*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1977 [1966].
- Vicente, Manuel. “Entrevista” [por Manuel Graça Dias], *Via Latina – Forum de Confrontação de Ideias*, 1991.
- . “Entrevista a Manuel Vicente” [por Carlos Duarte e J. Manuel Fernandes]. *Arquitectura*, 136, 1980.
- . *O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau 1976/79)*. [S.l.]: AR.CO, 1979.
- . “Um prefácio para um livro, ambos feitos por arquitectos”, in Manuel Graça Dias, *Vida Moderna*. Mirandela: João Azevedo Editor, 1992.
- *Prender todo o tempo ocupando o espaço*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1989.
- , Manuel Graça Dias, Helena Rezende. *Macau Glória – A Glória do Vulgar / The Glory of Trivia*. Macau: Edição patrocinada pelo Instituto Cultural de Macau, 1991.

PATRIMÓNIO CULTURAL

ABSTRACTS

- Fei Xiaotong's *Xiangtu Zhongguo, with an Introduction and Epilogue*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- Florida, Richard L. *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. New York, NY: Basic Books, 2002.
- Gao, Yubing. 'The Pajama Game Closes in Shanghai'. *The New York Times* (2010). Published electronically May 16, 2010. http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?_r=0.
- Glaeser, Edward L. *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier*. New York: Penguin Press, 2011.
- Guan, Qian. 'Lilong Housing, a Traditional Settlement Form'. M.Arch Thesis, McGill University, 1996.
- Hammond, Paul Harley. 'Community Eclipse and Shanghai's Lilong'. University of Missouri-Columbia, 2006.
- Herzfeld, Michael. 'Heritage and the Right to the City: When Securing the Past Creates Insecurity in the Present'. *Heritage & Society* 8, no. 1 (2015): 3-23.
- . 'Spatial Clensing: Monumental Vacuity and the Idea of the West'. *Journal of Material Culture* 11, no. 1/2 (2006), pp. 127-149.
- Jacobs, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Vintage Books, 1961.
- Johnson, Linda Cooke. *Shanghai: From Market Town to Treaty Port, 1074-1858*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.
- Larmer, Brook. 'Shanghai Dreams: China's Global City Tries to Recapture the Glories of Its Past—This Time on Its Own Terms'. *National Geographic*, 2010, pp. 124-141.
- Li, Jie. *Shanghai Homes: Palimpsests of Private Life*. Columbia University Press, 2015.
- Liang, Samuel Y. 'Where the Courtyard Meets the Street: Spatial Culture of the Li Neighborhoods, Shanghai, 1870-1900'. *Journal of the Society of Architectural Historians* 67, no. 4 (2008), pp. 482-503.
- Lim, Louisa. 'Shanghai Architecture Reflects City's Many Faces'. *NPR News* (2006). Published electronically December 11, 2006. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=6601115>.
- Lu, Hanchao. 'Away from Nanking Road: Small Stores and Neighborhood Life in Modern Shanghai'. *Journal of Asian Studies* 54, no. 1 (1995), pp. 93-123.
- Montgomery, Charles. *Happy City: Transforming Our Lives through Urban Design*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.
- Morris, D. Louise. *Community or Commodity: A Study of Lilong Housing in Shanghai*. Vancouver: Centre for Human Settlements, School of Community and Regional Planning, University of British Columbia, 1994. M.A. Thesis, University of British Columbia. Centre for Human Settlements, Asian Urban Research Network.
- Oldenburg, Ray. *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and How They Get You through the Day*. 1st ed. New York: Paragon House, 1989.
- Peh, Chehui. 'Politicizing Heritage: The Intangibility of Shanghai's Shikumens'. National University of Singapore, 2014.
- Pellow, Deborah. 'No Place to Live, No Place to Love: Coping in Shanghai'. In *Urban Anthropology in China*, edited by Gregory Eliyu Guldin and Aidan Southall. Leiden, the Netherlands: Brill, 1993, pp. 396-424.
- Peng, Ruijue. 'Towards a New Housing Approach: Analysis of Settlement Environment and Housing Policy in Shanghai, China'. M.S. Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1986.
- Ren, Xuefei. 'Forward to the Past: Historical Preservation in Globalizing Shanghai'. *City & Community* 7, no. 1 (2008), pp. 23-43.
- and Meng Sun. 'Artistic Urbanization: Creative Industries and Creative Control in Beijing'. *International Journal of Urban and Regional Research* 36, no. 3 (2012), pp. 504-521.
- Rowe, Peter G. *Civic Realism*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- and Seng Kuan. *Shanghai: Architecture and Urbanism for Modern China*. Munich; New York: Prestel, 2004.
- Shao, Qin. *Shanghai Gone: Domicide and Defiance in a Chinese Megacity*. State & Society in East Asia Series. London: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.
- Shin, Hyun Bang. 'The Right to the City and Critical Reflections on China's Property Rights Activism'. *Antipode* (2013): n/a-n/a.
- The Guardian Cities, and Sue Anne Tay. 'Blogger of the Week: Sue Anne Tay of Shanghai Street Stories: Sue Anne Tay in Shanghai'. *The Guardian* (2014). Published electronically April 7, 2014. <http://www.theguardian.com/cities/2014/apr/07/blogger-of-the-week-sue-anne-tay-of-shanghai-street-stories>.
- Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.
- White, Merry I. *Coffee Life in Japan*. California Studies in Food and Culture, Vol. 36, Berkeley: University of California Press, 2012.
- Wirth, Louis. 'Urbanism as a Way of Life'. *American Journal of Sociology* 44, no. 1 (1938), pp. 1-24.
- World Population Review. 'Shanghai Population 2015' (2014).
- Wu, Fulong, and Shenjing He. 'Property-Led Redevelopment in Post-Reform China: A Case Study of Xintiandi Redevelopment Project in Shanghai'. *Journal of Urban Affairs* 27, no. 1 (2005).
- Yager, Greg, and Scott Kilbourn. 'Lessons from Shanghai Xintiandi: China's Retail Success Story'. *Urban Land Asia*, 2004, pp. 34-37.
- Yang, Jian. 'Shikumen Pledged Extra Protection after Readers Offer City Suggestions'. *Shanghai Daily*, August 25, 2014 2013, A4.
- Yung, Esther Hiu Kwan, Edwin Hon Wan Chan, and Ying Xu. 'Sustainable Development and the Rehabilitation of a Historic Urban District—Social Sustainability in the Case of Tianzifang in Shanghai'. *Sustainable Development* 22, no. 2 (2014), pp. 95-112.

RESUMOS

Património de Macau: Um Estudo das Tradições e do ADN Cultural da Cidade

Macau, a cidade ocidental mais antiga na Ásia, reconhecida pela UNESCO como Património da Humanidade, foi uma cidade desenvolvida pelos Portugueses numa península vazia nos mares do Sul da China.

Este estudo analisa os principais factores na evolução urbana de Macau, particularmente as tipologias portuguesas de edifícios, praças, ruas e ambientes que constituem parte do ADN cultural de Macau, que originaram a sua forte identidade cultural que sobreviveu por cinco séculos num ambiente predominante Chinês. Quais são os principais paradigmas, tipologias, códigos e tradições que construíram a cultura e a cidade ao longo dos séculos e quais os factores cruciais para a sua preservação futura, correcta interpretação e desenvolvimento futuro. A primeira parte desta pesquisa concentra-se em elementos históricos, como a formação da sociedade medieval portuguesa que se reflecte no carácter da cidade. A segunda parte analisa e identifica tipologias urbanas e arquitectónicas do património da cidade como elementos-chave para uma abordagem eficaz em projecto de reabilitação urbano-arquitectónica, necessária para proteger e manter vivas as heranças e tradições que lutam para sobreviver contra as muitas ameaças dos estilos da globalização, camuflados como autênticos ou intervenções minimalistas. São "minimalista" devido à falta de componentes da tradição local que formaram a língua vernácula. Como o conceito de autenticidade só pode ser ligado ao conceito de "autor" como entidade individual ou resultante da tradição colectiva, a identificação do estilo contemporâneo e internacional como "autêntico" só pode trazer desastre ao apagar a memória, tradição e cultura que construiu ao longo dos séculos a identidade cultural única da cidade, enraizada em tradições chinesas e portuguesas.

Este estudo também mostra as ameaças ao património cultural sino-português com a importação de novos paradigmas urbanos de altamente densa Hong Kong e dos casinos mega-shoppings de Las Vegas. [Autor: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6-27]

A Arqueologia Urbana: Uma Abordagem para Macau

Durante a administração Portuguesa – em Coloane com a colaboração de entidades de Hong Kong, com o Projecto Global de Recuperação das Ruínas de São Paulo e resultante do Projecto do Museu de Macau na Fortaleza do Monte e sua ligação ao Colégio de São Paulo; depois de 1999, na RAEM, em Coloane e ainda na zona Nascente do Colégio de São Paulo. O desenvolvimento urbano da cidade, sua relação com a arqueologia e a pressão imobiliária. A necessidade de uma legislação preventiva, de salvaguarda e de valorização do património arqueológico. A criação de uma carta arqueológica num modelo adequado ao território, visando o registo e salvaguarda dos vestígios patrimoniais que testemunhem a ocupação humana, do passado à actualidade. Esse registo como forma de transmissão do legado cultural às gerações futuras, fundamental para a construção da memória comum, da identidade colectiva – da "Gente de Macau". A transformação de Macau numa cidade destino de turismo cultural e não só sinónimo de jogo, devido ao seu legado patrimonial arqueológico, histórico e arquitectónico e de simbiose cultural e social únicas. A metodologia para a criação de uma carta arqueológica, desde a compilação das anteriores campanhas, passando pela aquisição de fontes ainda dispersas, até à criação de um zonamento e hierarquização de áreas de potencial arqueológico. A inevitável conclusão de que importa investir na definição e promoção da "auto-estima" na identidade Macaense como forma de garantir a valorização do nosso

património material e imaterial. A proposta de criação de uma equipa multidisciplinar num departamento dinâmico e pro-activo, com um modelo de gestão próprio responsável pela comunicação entre as diversas entidades responsáveis pelo ordenamento do território e pela promoção de um plano de gestão territorial integrado, capaz de garantir a manutenção da classificação d'O Centro Histórico de Macau como Património Mundial. [Autora: Filomena Vicente, pp. 28-44]

O Poder do Fraco na Construção do Lugar: Acupunctura e Outras Terapias para Macau

A globalização, o crescimento urbano acelerado, o aumento da mobilidade e da conectividade virtual, e a resultante redução da atenção ao ambiente físico põem em risco o nosso relacionamento com pessoas e lugares que costumavam ser importantes para nós. Como resultado, perdemos-nos no processo de adaptação ao ambiente urbano, sentindo-nos cada vez mais desenraizados, e tentamos a sua adaptação ao invés, levantando o problema da ligação entre a construção do lugar e a conservação do património. Este fenómeno é particularmente agudo no Delta do Rio das Pérolas, que abriga a mais rápida e extensa urbanização contínua do mundo. Além disso, a população urbana da região está confinada a apenas 10 por cento do seu território, tornando a ocupação extremamente densa. Este crescimento rápido e desigual é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade chinesa e põe em causa os modos tradicionais de planeamento de cidades, gerando a necessidade urgente de estratégias alternativas. Assumindo que a construção do lugar tem uma forte base afectiva, este artigo estuda o afecto na experiência do espaço público para identificar as qualidades arquitectónicas que mais contribuem para a ligação ao lugar. A pesquisa combina noções de arquitectura, fenomenologia, psicologia e neurociências a fim de investigar

RESUMOS

os processos associados à percepção e codificação de pistas espaciais que induzem a ligação ao lugar e uma melhor utilização do espaço público. A hipótese de trabalho parte das noções de ‘arquitetura fraca’ e ‘acupunctura urbana’ como meios para facilitar a ligação ao lugar, poupando recursos. A análise é baseada no estudo de caso de uma intervenção em Hong Kong e alguns outros exemplos de Taipé e Macau.
[Autor: Diogo Teixeira, pp. 45-71]

Arquitetura em Divagação: Manuel Vicente em Macau

É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de Manuel Vicente seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando uma narrativa interrompida.

Mesmo que MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridez genética de Macau lhe assentou como uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense. Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida.

Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau. De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios “ocidentais”, uma linguagem já local. Nestes últimos desenhos de MV, o “ocidente” é já uma referência

distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação.

[Autor: Jorge Figueira, pp. 72-83]

Activismo e Projecto no Contexto de Macau: Sobrepondo Valores à Intenção em Arquitectura

As primeiras incursões no Oriente por parte de intelectuais modernos europeus no início do século xx, desde Hermann Hesse, Bruno Taut, Pierre Jeanneret entre outros, desde a Índia até ao Japão, tiveram um impacto significativo em determinados desenvolvimentos da arquitectura modernista. O facto de ter havido uma mudança de paradigma desde o Neoclássico, juntamente com a crença na democratização da tecnologia e a estética industrial, e a sua expansão, através dos impérios coloniais, levou a um novo sistema simbólico de expressão em arquitectura.

É à luz de todos estes eventos que a Escola Portuguesa de Macau (também conhecida como Escola Pedro Nolasco ou Escola Comercial), concebida pelo mestre português Raúl Chorão Ramalho é um edifício signficante. Contém todas estas questões culturais e civilizacionais no seu estado primitivo e relaciona-se com elas de forma criativa. Reflecte o conflito do discurso do século xx, tentando reinventar um lugar para a arquitectura através do manuseamento da luz, planta livre, orientação, ventilação natural, proporção e submissão a um sistema total de ordem e universalismo.

O edifício está em risco de demolição desde 2003. Num pequeno artigo que publiquei na revista da Associação de Arquitectos – Arquitectura Macau – em 2007, que intitulei “Jornada a Este”, em referência ao romance mitológico, onde procurei exprimir o que o edifício representa para Macau e para a historiografia da arquitectura do Movimento Moderno e a sua transmigração, nomeadamente do efeito fenomenológico de termos este artefacto modernista, produzido pela *inteligência* portuguesa e implantado em solo chinês. No artigo propõe-se narrar o meu envolvimento na protecção deste monumento moderno de significado

transnacional e cultural, durante um período de dez anos, num processo de Activismo e Projecto, começando com a publicação de artigos, a elaboração de abaixo-assinados e o projecto que desenhámos para o interior de um dos pátios da escola, inserido no complexo Modernista, que culminou com a atribuição do prémio UNESCO para Inovação em contextos históricos, em 2012, e de como esta série de acções construíram a defesa de uma causa pública de protecção do edifício.
[Autor: Rui Leão, pp. 84-91]

Macau: 9 Entrevistas e o Contexto *eXistenZ* da Incerteza

Num mundo onde a tecnologia, o espectáculo e o excesso parecem eclipsar antigos conceitos da arquitetura, do indivíduo e da sociedade, quais são as características actuais de Macau enquanto cidade? Se existe algum consenso, é o de que o que está a acontecer em, e a Macau, interessa, porque este nível de transformação nunca foi visto ou tentado antes. E, se nisso existe uma espécie de beleza terrível, em termos de escala e alcance, ninguém sabe ao certo como tudo acabará e que impacto terá sobre o futuro dos cidadãos de Macau. *Macau: O Contexto Existente da Incerteza* fornece uma visão abrangente das mudanças sociais, territoriais e culturais que assolaram Macau nas últimas décadas. Este ensaio reúne excertos de 9 entrevistas realizadas entre Junho de 2013 e Novembro de 2014. Trata essencialmente de arquitectura e de arquitectos, remete para as memórias, as experiências, as fronteiras e os trânsitos daqueles que habitam Macau. O título deste ensaio pretende aludir ao contexto de incerteza que paira sobre o futuro de Macau mas também à mistura de estilos, na fantasia desenfreada, no exotismo e na ousadia que caracterizam o tecido urbano do território. A relevância do projecto passa por analisar o tempo da nossa condição contemporânea, lançando a partir de Macau, olhares reflexivos acerca dos desafios que a vida urbana moderna em Macau supõe.
[Autor: Tiago Saldanha Quadros, pp. 92-103]

Das Casas de Câmara e Cadeia ao Leal Senado de Macau: Um Percurso de ReciproCidades

Este artigo tem como objectivo a análise das tipologias arquitectónicas dos paços concelhios no decorrer dos séculos xiv a xviii, e identifica os traços comuns dos edifícios que, em Portugal, desempenhavam tarefas ligadas à gestão municipal, destacando os modelos utilizados na gestão de territórios cuja dimensão e distanciamento iam introduzindo uma crescente complexidade no sistema administrativo. Mais tarde, no período do Renascimento e no contexto de uma sociedade mais complexa, culta e exigente, ao edifício dos Paços do Concelho vai juntar-se uma Praça, que se torna um elemento importante no modelo do controlo territorial e na gestão da “Imagem do Poder”, pois era relevante que os dirigentes locais – os vereadores – avistassem a multidão que os escutava e nesse mesmo acto fossem vistos como representações do poder.

Assim, iremos abordar a questão das Praças ou Largos Municipais que, em conjunto com os edifícios camarários, maximizavam a simbologia do poder local, passando a ser incluídas de forma “disciplinada” nos novos planeamentos urbanos do século xvii, com especial relevo no caso do Brasil, em que passaram a ser pilares da sociedade local.

Por último iremos analisar o caso do Edifício do Leal Senado e Praça do mesmo nome, em Macau, que ilustram de forma evidente os conceitos adoptados em Portugal e nas antigas colónias, demonstrando um “dispositivo” local de gestão territorial que, ainda hoje, passados 500 anos, encontra eco e justificação.
[Autora: Maria José de Freitas, pp. 104-123]

O Património Industrial de Macau (até 1999). Estudo das Fábricas de Panchões

Remontando à dinastia Han (206 a.C.– 220 d.C.), os panchões são um elemento central da cultura, religião tradicional e quotidiano na China. Macau não foge a essa tradição, assumindo-se como um dos

polos históricos da produção deste artefacto da milenar arte da pirotecnia oriental. O conceito é chinês, mas o termo é de matriz de Macau, onde assume particularidades, não apenas na produção, fábricas e técnicas, mas também no *branding*, comércio e uso. Neologismo do termo chinês *bianpao* (“cartucho de pólvora revestido de papel”), ou *pau-tcheong*, surge no patuá macaense como *pancháon*, foguete usado nas festividades, particularmente no Ano Novo Chinês. Mas não apenas no Ano Novo Lunar – o ruído da explosão serve para afastar um monstro, Nian, que mata gentes e gados nesses dias festivos, ou para acordar o dragão benfazejo), mas em todo o ano, em festivais ou simples idas aos templos de Macau, ao contrário da China continental, onde é só usado nas épocas festivas. Muitas foram as fábricas e marcas que se instalaram no território desde fins de Oitocentos até fins do século xx, com destaque para a Iec Long, na Taipá.
[Autor: Vítor Teixeira, pp. 124-135]

Vida e Morte das Casas de Vielas de Xangai: Repensar Comunidade e Preservação Histórica

A partir do final do século xix e até ao primeiro semestre da era comunista de Mao, a maioria dos residentes em Xangai vivia em casas tradicionais de vielas chamadas *lilong* (lit. “bairros de ruínas” de Macau) ou *longtang* (lit. “pátio de vizinhança”). Em Xangai, estas casas eram essencialmente réplicas das casas geminadas das cidades europeias, de construção económica e espacialmente eficientes, que as potências estrangeiras em Xangai estabeleceram como tipo dominante de residência nas áreas de concessão durante o período de semi-colonização da cidade (1842-1949). Com o advento das reformas económicas e consequente abertura no início de 1980, as *lilong* deixaram de ser considerados a forma mais económica de habitação e, por isso, têm sido arrasadas a um ritmo vertiginoso. Em Xangai, onde novos prédios estão a ser construídos, para servir uma das maiores metrópoles do mundo, as *lilong* são cada vez mais encaradas como estruturas obsoletas; portanto, a maior

ABSTRACTS

parte tem sido votada à ruína por falta de manutenção. A história da arquitectura de Xangai está imbuída da história de múltiplas representações estilísticas ocidentais. Embora sejam cada vez mais raras as casas *lilong* em bom estado na cidade, o esforço dos conservacionistas locais tem ajudado a manter algumas delas intactas como “monumentos do passado”. No entanto, a fim de as posicionar no presente económico, têm sido gradualmente remodeladas (ou em alguns casos, reconstruídas) para servir uma série de novos efeitos, por exemplo, como empresas comerciais e de varejo. Partindo do caso de Xangai, com o qual ambos os autores, pesquisadores e urbanistas, estão familiarizados enquanto residentes de longa duração, iremos abordar a preservação histórica orientada em torno da ideia de meios de subsistência e economia local liderada pelo *magnum opus* clássico sobre estudos urbanos de Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1961). Além disso, discutiremos ideias de urbanistas contemporâneos como Charles Montgomery e Edward Glaeser na forma como o património arquitectónico e desenho urbano podem desempenhar um papel sério na melhoria não só das características urbanas, mas também da qualidade de vida dos habitantes da cidade. Duas ideias fundamentais – “preservação em grupo” e “diversificação do meio” – estarão no centro da nossa análise, juntamente com métodos práticos de implementação além Xangai.
[Autores: Non Arkaraprasertkul e Matthew Williams, pp. 136-150]

RESUMOS

ABSTRACTS

ABSTRACTS

Macao Heritage: A Survey of the City's Traditions and Cultural DNA

The old urban settlement of Macao, the oldest western city in Asia, recognised by UNESCO as a part of World Heritage, was a city developed by the Portuguese on an empty peninsula in the South China Sea.

This study analyses the main factors, particularly Portuguese urban patterns, buildings, squares, streets and environments that embody the cultural DNA of Macao and which helped the city to develop a robust cultural identity and survive for centuries in a strong Chinese environment. What are the key paradigms, patterns, codes and traditions that built that culture, and the crucial factors for its future preservation, correct interpretation and future development? The first part of this research focuses on historical elements like the forging of the Portuguese medieval society that contributed to the character of the city. The second part analyses and identifies urban and architectural typologies of the city heritage as key elements for an effective rehabilitation design approach, necessary for protecting and keeping alive our heritage and traditions that are struggling to survive against the many threats of the globalisation styles camouflaged as authentic or minimalist interventions. They are 'minimalist' due to the lack of local tradition components that formed the vernacular language. As authenticity can only be linked to the individual author or collective tradition, the identification of contemporary and international style as authentic can only bring disaster by erasing the memory, tradition and culture that built for centuries the unique cultural identity of the city rooted in Portuguese and Chinese traditions. This study also shows the threats to the Portuguese Chinese heritage with the importation of new urban paradigms from high density Hong Kong and the casinos' mega malls from Las Vegas.

[Author: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6-27]

The Urban Archaeology: An Approach to Macao

During the Portuguese administration, this was accomplished in Coloane with the collaboration of the Hong Kong authorities; in Macao, it was done through the Global Project Recovery of the St Paul's Ruins and as a result of the Macao Museum Project at Mount Fortress and its connection to St Paul's College; and after 1999, as RAEM, also in Coloane as well as in the East Zone of St Paul's College.

Taking into consideration the city's urban development, its relationship with archaeology and the strong real estate pressure, there is a need for a preventive law, and the necessity for the safeguarding and enhancement of the archaeological heritage.

The creation of Macao's global archaeological map with a customised model of the territory, will seek the identification and protection of heritage remains that bear witness to human occupation from the past to the present. This system as a means of transmission of cultural heritage to future generations is vital to the construction of the city's collective memory and identity—the 'Macao people'.

Its archaeological, historical and architectural heritage legacy as well as its unique forms of social and cultural symbiosis, help transform Macao into a cultural tourism destination city and not only as a gaming mecca. We will work towards the creation of an archaeological global map, with the help of the compilations acquired in previous campaigns and also through the gathering of information still dispersed throughout the city. This will lead to a zoning demarcation and hierarchy of archaeological potential areas. The inevitable conclusion then is that we must invest in and promote the 'self-esteem' in the Macanese identity, in order to guarantee the value of our tangible and intangible heritage.

The aim is to establish a multidisciplinary team in a dynamic and pro-active department with an individual

management model responsible for the communication between the several entities in charge of spatial planning. The goal is also to promote an integrated land management plan, capable of guaranteeing the classification of The Historic Centre of Macao World Heritage Site.

[Author: Filomena Vicente, pp. 28-44]

The Power of the Weak in the Construction of Place: Acupuncture and Other Therapies for Macao

Globalisation, fast urban growth, increased mobility and virtual connectivity, and the resulting decreased attention to the physical environment, jeopardise our relationship with people and places that used to be important to us. As a result, we get lost in the process of adaptation to the urban environment, feeling increasingly uprooted, and try its adaptation instead, raising the problem of the link between place-making and heritage conservation. This phenomenon is particularly acute in the Pearl River Delta (PRD), home to the fastest and largest extension of continuous urbanisation in the world. Furthermore, the region's urban population is confined to barely ten per cent of its territory, making it extremely dense. This fast and uneven growth is one of the greatest challenges faced by Chinese society and calls into question traditional modes of planning cities, raising the urgent need of alternative strategies. Assuming that the construction of place has a strong affective foundation, this paper studies affect in the experience of space to identify the architectural qualities that contribute most to place attachment. The research combines insights from architecture, phenomenology, psychology, and neuroscience; in order to investigate the processes associated with perception and encoding of spatial cues that induce place attachment and enhanced use of public space. The working hypothesis departs from the notions of 'weak architecture' and 'urban acupuncture', as means to facilitate the construction of place while saving resources. The analysis

is based on the case study of an intervention in Hong Kong and some other examples from Taipei and Macao.

[Author: Diogo Teixeira, pp. 45-71]

Architecture in Digression: Manuel Vicente in Macao

Is it possible, as an architect, to digress? Perhaps a key for the reading of Manuel Vicente's work is that of a digression sculpted in countless buildings which keep on resuming an interrupted narrative. Even though MV was not interested in a project of 'fusion', the truth is that the genetic hybridity of Macao fitted him like a second skin. Maybe even more than that. Although not conceptually sought or forced, this encounter happened. And it is outside a 'western' framework that MV's work can be understood. His last projects are already much appropriated by an affiliation we have to describe as Macanese.

Even without the purpose of a conceptual opportunism, MV's interstitial architecture lives from the interstitial logic of Macao, that is, from the meanders of a dense fabric which is intended to densify and intensify. At a certain point, maybe it fantasises with the idea of a spectral architecture that merely potentiates life.

What happens today is that Macao is taking over those structures: either erasing them, or eclipsing their notoriety or, despite everything, keeping them working. MV's works are little inhabited machines which are being swallowed by or integrated with the permanently mutating body of Macao.

In any case, the Areia Preta Fire Station seems to me to be a project of an Asian architect, with small 'western' episodes, an already local language. In these last drawings of MV, the 'west' is already a distant reference, almost bookish, and Macao the definitive body of digression. [Author: Jorge Figueira, pp. 72-83]

Design Activism in the Context of Macao: Adding Layers to Architectural Intent

The first incursions into the East by modern European intellectuals at the beginning of the 20th century,

from India to Japan, had a significant impact on certain developments of Modernist Architecture. The fact that there was a paradigm shift from the Neoclassical, joined by a belief in the democratisation of technology and industrial aesthetics, and its expansion through colonial empires, pushed for a new symbolic system of expression in architecture.

It is in the light of all these events that the Portuguese School of Macao, designed by the Portuguese Master Raúl Chorão Ramalho, is a significant building. It contains all these cultural and civilisational question marks in its formal roots, and deals with them creatively. It reflects this conflict of discourse in the 20th century, trying to re-invent a place for architecture through the management of light, open space, orientation, natural ventilation, proportion, and submission to a total system of order and universalism. The building has been under threat since 2003. In the small article which I wrote in our Association's journal—*Arquitectura Macau*—in 2007, which I entitled 'Journey to the East', in reference to the mythological romance, I tried to talk not so much about why I personally appreciated the building, but what I thought it meant to Macao and to the historiography of Modernism and its cultural transmigration: the phenomenological effect of having this modernist artefact coming out of the Portuguese *intelligenza* and erected directly on Chinese ground.

This article narrates my involvement with the protection of this Modernist monument of trans-cultural and transnational significance throughout a ten-year period, in a process of Design Activism, starting with the publication of articles by myself and others, the elaboration of petitions and our small design of a reading room inserted inside the Modernist complex, which culminated in the award from UNESCO for New Design in Heritage Context (Jury Commendation) in 2012, and how all of these actions built a public case in defense of the building's preservation. [Author: Rui Leão, pp. 84-91]

Macao: 9 Interviews and the eXistenZ Context of Uncertainty

In a world where technology, spectacle and excess seem to eclipse former concepts of architecture, the individual and society, what might be the current characteristics of Macao as a city? If there is any consensus it is in the notion that what is happening to and in Macao matters, because this level of transformation has never been seen or attempted before. And while it has a kind of terrible beauty in its scale and scope, no one is quite sure how it will ultimately impact on the future of Macao citizens. *Macao: The Existing Context of Uncertainty* provides a comprehensive overview of the social, territorial and cultural changes that have swept through Macao over the last decades.

This essay unites excerpts from nine interviews with architects, researchers and university professors conducted between June 2013 and November 2014. Dealing essentially with architecture, it is about the memories, experiences, boundaries and movements of those who inhabit Macao. The paper's title is an allusion to the context of uncertainty that hovers over Macao's future, but also to the mixture of styles that exist in the unbridled fantasy, exoticism and boldness that characterise the urban fabric of the Territory. The essay's relevance is in its analysis of the contemporary condition of our times, and in its directing, from the point of view of Macao, an inward gaze at the challenges that Macao's modern urban life presents. [Author: Tiago Saldanha Quadros, pp. 92-103]

From Chamber House and Jail to Macao's City Hall: A Reciprocal Path

This article aims to analyse the architectural typologies of municipality buildings, from the 14th through to the 18th century, in order to identify the common traits of the structures developed in Portugal, which involved similar tasks of land management, emphasising the models used in the management of the territories whose size

RESUMOS

and distance were introducing an increasing complexity in the system. Later on, in the Renaissance period, in the context of a more demanding, cultural and complex social behaviour, an important element of territorial control model was attached and the town hall building was linked to a public square. This became an important element in the management of the 'Image of Power' as it was relevant that local officials—councilors—were the first sight of the listening crowd, and in the act were seen as symbols of authority.

We will also address the issue of squares or municipal squares, to complement the local government exercise, together with the City Council buildings, that maximise the symbolism of local government, becoming included in a 'disciplined' manner in the new urban planning of the 14th century, notably in the case of Brazil, and considered structures of the local society.

Finally we will examine the case of the Leal Senado Building and square of the same name, located in Macao, illustrating in an obvious manner the concepts adopted in Portugal and in the former colonies, demonstrating a 'device' of local land management that even today, after 500 years, is echoed and justified.

[Author: Maria José de Freitas, pp. 104-123]

The Industrial Heritage of Macao (before 1999). A Case Study of Firecracker Factories

Dating from the Han Dynasty (206a.C. - 220 AD), firecrackers have been a central element of culture, traditional religion and daily life in China. Macao is no exception to this tradition, being one of the historic centres of production of this artefact of the ancient oriental art of pyrotechnics. The concept is Chinese, but the term is from the Macao matrix, with some particularities in production, factories and techniques, but also in branding, trade and use. Neologism of the Chinese term *bianpao* ('powder cartridge coated by paper') or 'pau-tcheong', appears in Macanese *Patuá* as *panchão*, a rocket used in the festivities, particularly in the Chinese New Year.

The noise of the explosion serves to ward off a monster, Nian, which kills people and cattle during these festive days, or to wake the good dragon throughout the year, at festivals or simple visits to temples in Macao. Many factories and brands have been established in the territory from the end of the 19th century until the late 20th century, with emphasis on Iec Long, Taipa.

[Author: Vítor Teixeira, pp. 124-135]

The Death and Life of Shanghai's Alleyway Houses: Re-thinking Community and Historic Preservation

From the late 19th century to the first half of the high communist era under Mao, most of the residents in Shanghai lived in alleyway houses called *lilong* (lit. Macao 'neighbourhood lanes') or *longtang* (or lit. 'living hall').

In Shanghai, these houses were essentially replicas of the economically-built and spatially efficient row houses in European cities, which the foreign powers spearheaded in Shanghai as the dominant forms of residence in the concession areas during the city's quasi-colonisation period (1842-1949). With the advent of the economic reforms and the opening-up of the early 1980s, the *lilong* houses were no longer regarded as the most economical form of housing, and have therefore been razed to the ground at a breakneck pace. In Shanghai, where new buildings are being constructed to serve one of the world's largest metropolises, the *lilong* houses are being seen more and more as outdated structures; therefore, most of them have been left in ruin due to a lack of maintenance. The history of Shanghai's architecture is imbued with the history of multiple western stylistic representations. Although it has become rarer to see complete *lilong* houses in the city, the effort of local building conservationists has helped to keep some of them intact as 'monuments of the past'. However, in order to give them a place in the economic present, they have been gradually refurbished (or in some cases, rebuilt) to serve a series of new purposes, namely as commercial and retail businesses.

Through the case of Shanghai, with which both authors are acquainted as long-term residents, researchers, and urbanists, we will develop an approach to historic preservation that is oriented around the idea of livelihood and local economy spearheaded in Jane Jacobs' 1961 classic magnum opus in urban studies, *The Death and Life of Great American Cities*. In addition, we will discuss ideas from contemporary urbanists such as Charles Montgomery and Edward Glaeser in how heritage architecture and urban design might play a critical role in improving not only the urban characteristics, but also the quality of life of the people living in the city. Two main ideas—'group preservation' and 'diversification from within'—will be central to our analysis, along with practical methods for implementation beyond Shanghai. [Authors: Non Arkaraprasertkul and Matthew Williams, pp. 136-150]

郵票
Selo

中國 澳門
塔石廣場
文化局大樓
澳門特別行政區政府文化局
《文化雜誌》編輯部

INSTITUTO CULTURAL do Governo
da Região Administrativa Especial de Macau
Revista de Cultura
Praça do Tap Seac, Edifício do Instituto Cultural
Macao, China